

80

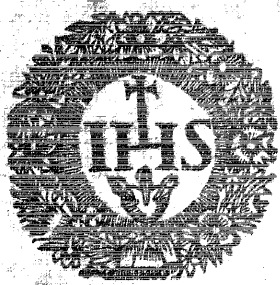
S E R M A M

DO SABBADO SEXTO DA QUARESMA

QUE PREGOU

NO CONVENTO DE NOSSA SENHORA
da Graça em as Completas que nelle solemne-
mente se fizeram,

Pello P. M. Fr. CHRISTOVAM D'ALMEIDA
Calificador do S. Officio, & Lente de prima de Theo-
logia no Collegio de S. Agostinho desta Cidade
de Lisboa, & Bispo de Martyri .

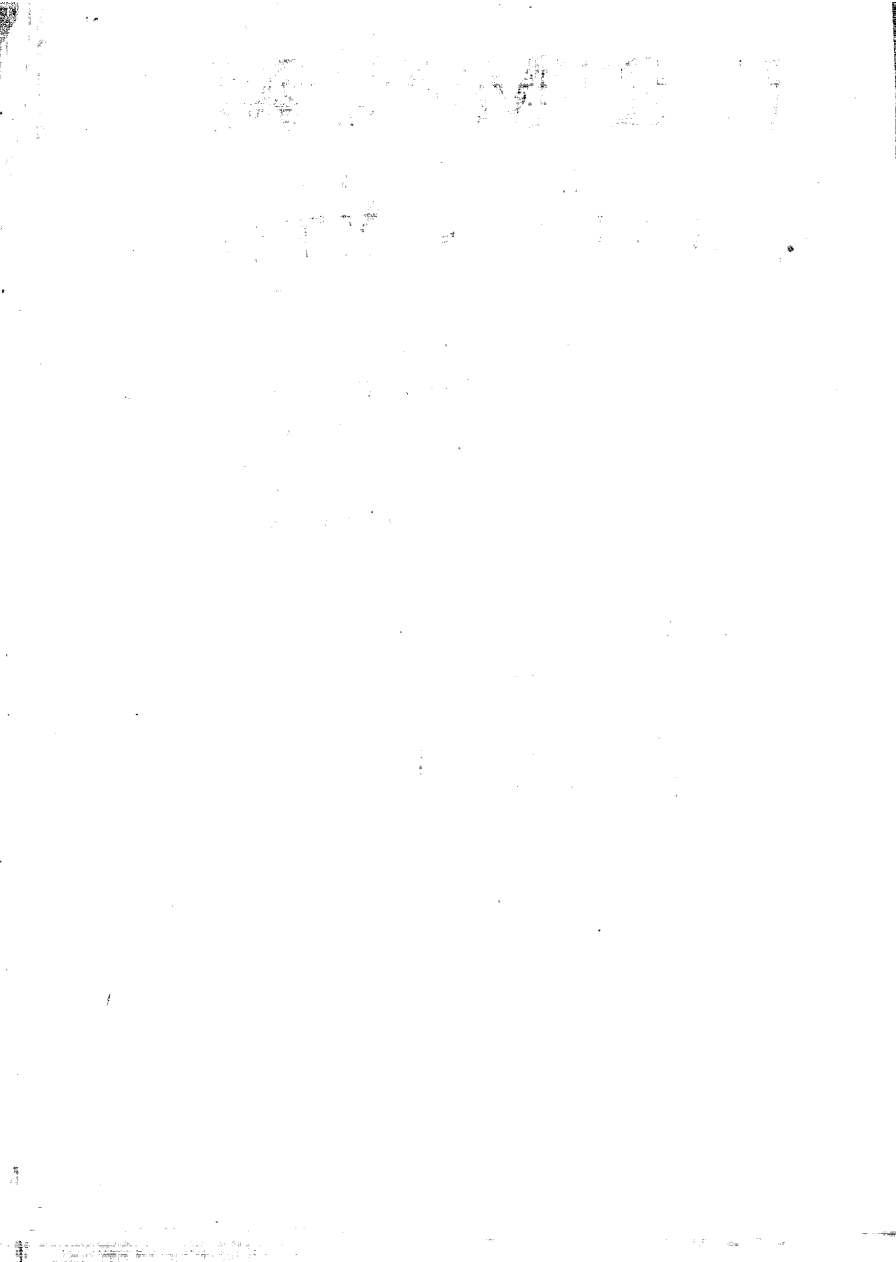


EM COIMBRA.

Com todas as licenças necessarias.

Na Officina de MANOEL RODRIGVES D'ALMEYDA
M. DC.LXXXI.

Acusta de Ioão Antunes Mercador de livros.



T H E M A.

Cogitaverunt autem Principes Sacerdotum, ut & Lazarum interficerent. Ioan. 12.



Representava-se a mi, que sò em os favorecidos do mundo, avia hús que fossem venturozos, & outros que fossem desgraçados: mas tambem parece que nos favores, que faz o Ceo, ha vëtura, & ha desgraça. Deu Christo a vida ao filho da viuva de Naim, movido das

Luc. c. 7.

lagrimas da mãy, & viveo sem q̄ por isso se intentasse dar lhe a morte: resuscitou o mesmo Senhor a Lazaro morto de quatro dias, & como se o tornar a viver sò em Lazaro fora delito se ajudou logo a corte de Jerusalẽ, & tratou de lhe tirar a vida.

Cogitaverunt autẽ Principes Sacerdotũ, ut & Lazarũ interficerent. Bem digo eu logo, que tambem nos favores, que tas o Ceo ha dita, & ha desgraça. Viveo o filho da viuva de Naim resuscitado por Christo, mas naõ succedeo assi na resurreiçaõ de Lazaro, porque o mesmo foi receber de Christo a vida, q̄ fazerem se logo conselhos para se lhe dar a morte.

Ioan. c. xii

E se entaõ se lhe preguntara aos principes de Jerusalẽ autores deste conselho taõ injusto, que crimes cometera Lazaro pera morrer, porq̄ culpas tratavaõ de o matar? Responde-riaõ q̄ naõ morria Lazaro por culpas, que morria por conveniencias, que era razãõ de estado, que Lazaro morresse, porque muitos dos Iudeos vendõõ resuscitado deixavaõ a Moyses, & seguiãõ a Christo: deu por elles a resposta S. Ioaõ, *Quia multi propter illũ abibant ex Iudais, & credebant in Iesum.* He mui ordinario, & mui antigo costume este nas cortes do mundo, fazer-se sem rezõs, por amor de hũa razãõ de estado, ou pera falar mais propriamẽte, por hũa sem razãõ de estado: deu David a morte a Urias, por outra sem

Reg. 2. cap
11.

Luc. cap. 6

sem-rezão de estado tirou Herodes a vida ao Baptista, & foy hũa, & outra acção tam tiranica como injusta. Morreo Vrias na guerra, porque se nam descobriue hũ peccado de David. *Ponite Vriam ubi fortissimum est praliũ.* Acabou o Bptista no carcere, porque se não quebrantasse hũ juramẽto de Herodes: *Et contristatus est Rex propter iurjurandum:* Hũa, & outra morte se deu por duas rezoens de estado, mas em cada huma se fez huma sem rezam.

Senaõ digão me ami, que sem rezão mayor pode aver no mundo, que castigar o offensor ao offendido? que tirania mais injusta, que morrer Vrias por hũ decreto de David, por senão descobrir o peccado, q̄ David tam arrojadamente commetera? & que maior injustiça, que degolar se o Baptista por hũ decreto de Herodes, por nam violar Herodes o juramento, que inconsideradamente fizera? Mas como he rezão de estado, que nam se descubraõ as culpas, nem se quebrem os juramentos dos Reys, ha esta de conservar se, ainda q̄ pera fazelo se commetaõ injustiças, & se fazem sem rezoẽs; por isso vemos tantas vezes no mundo castigada a innocẽcia, & disimulado o delito. Com estes exemplos, ou com estas sem-rezoens se infamarão as monarchias do mudo em todos os seculos nos passados, & nos prezentes, bem poderei tambem alleguar com toda a certeza, q̄ assi será nos futuros, porque alem de o mudo ter sempre o mesmo, difficultosamente se cura hum mal tam velho, quanto mais que mal pode elle buscar remedio, pera aquillo em que se persuade que está a sua conservação.

E assi como he tam antiga rezão de estado do mudo, cõservarẽo sem rezoẽs as suas rezões de estado q̄ muito q̄ morresse Vrias sem culpa? Que muito q̄ se degollasse o Baptista sem justia, se com a morte de Vrias se descobria hũ peccado de David, & com a vida do Baptista se quebrantava hũ juramento de Herodes, quando era rezam de estado que nem de hum (pbrq̄ erão Reys) se foubesse a culpa, nem de outro se quebrantasse o juramento: E suposto este achaque tam ordinario, supposto este costume tão antigo das cortes do mundo,

nam

nam nos podra nos ja cauzar espanto, os intentos dos Iudeos neste conselho. *Cogitaverunt autem Principes & Sacerdotum, ut & Lazarum interficerent.* Verdade he que Lazaro nam tinha cometido culpa, pella qual merecesse a morte, mas como os grandes da Corte de Ierusalem enfiadaõ que era rezaõ de estado o conservarse Iudca na Ley, em que se entaõ tinha vivido, & naõ conhetera Christo pello Messias esperado, & estaõ vendo que nam poderião conseguir os efeitos desta conservaçãõ se nam tirassem a Lazaro dos olhos do mundo, porque muitos dos Iudeos que o virãõ morto, & o viaõ depois resuscitado por Christo naõ prodigiosamente; como foy restituilo a vida de pois de quatro dias de sepultura, como muitos dos Iudeos (digo) convencidos com este milagre confessavaõ publicamente q̃ Christo era o Messias prometido nas Scripturas; & como orakõ seguiãõ. *Quia multi propter illum abibant ex Iudaeis, & credebant in Iesum.* Bera evitar este dano (na sua opiniãõ) fazem hoie este conselho, & intentãõ dar logo a morte a Lazaro. Esta he a cauza total, este o fundamento todo q̃ os grãdes de Ierusalem tiveram para fazer este conselho sobre Lazaro: sobre o qual se põem as seguintes fundadões nesta rezaõ do Evangelho. Este cotinas circunstancias do conselho deixo para o discurso do Sermão: para o que tenho necessidade de graça peçamola a V. S. N. offerendolhe a oraçãõ Angelica. Ave Maria. *Omnes Jesu Christo dicuntur & dicuntur.* *Non enim se fecerunt consilio, sed in Christo injusto* *no intento, & na resolução tyrãnicã: he je se factuãõ: contee* *lho sobre Lazaro o qual nam foy injusto na resolução se foy* *tyrãnico no intento: nam se is parcerãõ novo este modo de* *dizer, mas se auctoritãõ enoga a imaginaçãõ, q̃vidẽ q̃ he* *mui fundado no Evangelho: Dico que se forãõ conselho q̃ se* *bre Lazaro se fez tyrãnico no intento, porque ninguẽ pode* *rã negar, querera grande tyrãnia querẽ dãõ a Lazaro a morte* *sã por ter sido dito, dice tam bem, que nam fora injusto na* *resoluçãõ, pã que quanto ao que se pã de colligit do Evangelho* *ho; nam se resolveo, nem se assentou hoie q̃ Lazaro pã a morte*

Maldonat. hic, & alij.

Joann. Cap. 11.

E toda a acção em que me fundo he esta que dize logo, porq̃ do Evangelho não conta mais q̃ propoz os grandes de Ierusalem em conselho o darem a Lazaro a morte: *Cogitaverunt autem principes Sacerdotum, ut & Lazarum interficerent*, mas não conta nem que buscassẽ a Lazaro pera o prender (como fizeram a Christo), nem que o chegassem a matar. Evidentemente parece que se fez logo q̃ foy a resolução: reuy diferente do intento. E confirmo ainda mais esta razão, com o q̃ succedeo a Christo, porque por isso derão os Iudeos a morte a Christo, porque se resolveo no conselho q̃ sobre elle ajuatarão, que era convicção que morresse Christo: *Ab illo ergo die cogitaverunt ut interficerent eum*. Logo por isso não derão a morte a Lazaro, porque se nam affentou no conselho que sobre elle fizeram, que era justo que morresse Lazaro: parece logo verdadeiro modo de dizer, ainda que se jogue por novo, que não foy o conselho de Lazaro injusto na resolução, se foy tyranico no intento, não foy injusto na resolução, porque se não resolveo hũa injustiça, & foy tyranico no intento porque se intentou hũa sem rezam.

IOANN. CAP.
II.

§. 2. Suposto pois que no conselho q̃ se fez hõtem se resolveo que morresse Christo, & no conselho q̃ se fez hoje se não affentou que morresse Lazaro, ja se deixa ver a rezão de duvidar. Se os grandes de Ierusalem intentaraõ matar a Christo, & intentaraõ matar a Lazaro, se pera hũa, & outra morte fizeram dois conselhos, que rezão podera aver pera que do primeiro conselho fosse a resolução tam tyranica, & deste segundo conselho nam seja injusta a resolução. Hora eu darei a rezão tirada do Evangelho, porq̃ no conselho que se fez sobre Christo resolverão sem cuidar, se no conselho que se fez sobre Lazaro cuidarão pera resolver, aqui votou o entendimento, & acolá votou a vontade. Que no conselho de Lazaro votasse o entendimento, não necessita de prova, porque o mesmo Evangelho o está dizendo: *Cogitaverunt autem*. Cuidar, acto he do entendimento. E que no conselho de Christo votasse a vontade das paixões, me opareço a mi que se mostra com evidencia

ciência do modo de falar do Evangelista: *Collegerunt ergo* (diz S. Ioaõ) *Pontifices, & Pharisei concilium adversus Iesum.* Que os Pontifices, & Phariseos se ajuntarão em conselho contra Christo: *Adversus Iesum*: não dice o Evangelista que fizeram os Judeos hum conselho sobre Christo, que esse era o mais acertado, & o mais proprio estylo de dizer, contar primeiro o que intentaram, entã depois contar o que resolverão, senão disse que se ajuntarão em conselho contra Christo: de sorte q̃ ja se estava vdo dantes, o que se avia de resolver depois: depois avia se de resolver que morresse Christo, & isto se via ja antes, que se resolvesse: *Adversus Iesum*. E nos conselhos adonde se ve a resolução antes que se veja a proposta, ou a justiça está muy evidente, ou as vontades dos que votam estão muy apaixonadas: nam era, nem podia ser evidente a justiça que os grandes de Jerusale m tinham, pera tratarẽ de matar a Christo; porque dar a vida a muitos, restituir a vista a cegos, & curar enfermos, se se vira com os olhos da razão não podia ser crime, antes virtude: bem se infere logo que o verse a resolução dos Judeos logo quando se fazia o conselho: *Collegerunt concilium adversus Iesum*, q̃ se não nacia de estar a justiça evidente da parte dos Judeos, que nacia de estarem as vontades empenhadas na morte de Christo: E se isto assi he, se neste conselho votaram vontades, que muito que a resolução fosse tyrânica, & se no conselho de Lazaro votaram entẽdimentos. *Cogitaverunt autem*. Que muito q̃ não fosse injusta a resolução. Os conselhos adonde vota a razão sempre serão muy acertados, mas aquelles adonde vota a vontade sempre foram muy injustos: & a razão está muy evidente, porq̃ como quer que os conselhos se ordenão principalmente nas monarchias, pera castigar delitos, & pera premiar merecimentos, como poderia ver a vontade a quem he justo que se dê o premio, nã a quem he bem q̃ se dê o castigo, se a fez sem olhos a natureza? Quanto mais, que dado que se podera votar sem ver (q̃ fora hũa grande injustiça) inda a vontade ficava incapaz pera votar, o porq̃ eu o direi, porque em a nossa vontade ha dous actos, hum de amor

amor, outro de odio (falo de quando vota a vontade sem q se
sogente a razão,) & nem o odio nem o amor farão nunca bons
pera conselheiros: vamos primeiro ao amor entã logo vire-
mos ao odio.

§ 3. Todos os expositores convem em que aquellas pala-
vras q disse o Padre Eterno, quãdo quis fazer a Adam *Facia-
mus hominem ad imaginem, & similitudinem nostram.* Foram
hã consulta q fizera, & hũ voto (digamolo assi, & hũ voto q
pedia: nisto concordão todos, mas tambẽ dit concordam nisto,
em quẽ fosse a pessoa a quem o Eterno Padre consultara: Di-
ceram os Rabbinos, que consultara aos Anjos, mas impug-
nate esta sua opiniã mui facilmente, porq a Sabedoria supe-
rior, qual era a de Deus nam avia de consultar a Sabedoria in-
ferior qual era a dos Anjos: pois aquẽ cõsultou logo Deus pe-
ra fazer o homẽ? Dico venturozamente S. Ioaõ Chriostomo
(digo vëturozamente porque he a opiniã mais seguida) *Quis
est igitur hic ad quẽ inquit facimus hominem ad imaginem, &
similitudinem nostram, nisi ille magni concilij Angelus, ille ad-
mirabilis consiliarius unigenitus filius Dei.* Quem he este, (dis
Crisostomo) a quem consultou o Eterno Padre na creaçam
do homem, senão aquelle Anjo do grande conselho seu Filho
Unigênito? Esta soluçã he entre os expositores a mais segui-
da, mas naõ deixa de parecer difficiltoza, senão vejaõ se ha
grande fundamento, pera padecer muita difficuldade: Diffi-
culto assi: O Spirito S. nam he igual mēte sabio com o Verbo?
Nam saõ em todas as tres Divinas Pessoas os attributos os me-
mos? Assi no lo ensina a Theologia, & assi no lo obriga acrer
a Fẽ: Pois se isto assi he, se a terecira pessoa he tam sabia como
a segunda, com que fundamento dice S. Ioaõ Chriostomo q
consultara o Padre Eterno pera fazer a Adam mais ao Filho,
que ao Spirito S. ? Ou pello menos se ambos tem a mesma
Sabedoria, porque nam dice que os consultara ambos? Que-
rem vero fundamento que teve o S. pera dizer que consultou
o Padre Eterno mais ao filho, que ao Spirito S. ? pois he este,
porque a formalidade do Filho se ser Sabedoria, & a formalidade

dade do Spirito S. he fer amor, que alli lhe chan.ão os Theo-
logos: Sabedoria ao Filho, porque procede do entendimento:
amor ao Spirito S. porque procede da vontade, & como isto
afsi he, como aquella materia era de conselho, & os conselhos
de Deos taõ sempre bem ordenados, claro esta que neste con-
selho. *Faciamus hominem*, que não avia de votar o amor, que
só avia de votar a rezam, porque o amor nam he bom pera dar
votos nos conselhos: *Quia Dei filius ex proprio carathere Ver-
bum, & ratio est? Spiritus Sanctus vero non est ratio sed amor,*
ad spectu ergo ad humanam conditionem non dicit amorem suis-
se ad consultationem adscitum Dei Verbum, & rationem, dice
agudamente hũ expositor grave.

D. Tho.
aliq. 16.
Soc. Suar.
1 a q. 6
omnes.

P. Celad.
do benedi-
ct. Patriarc
benedict. 1.
de Adome,
& Rva 8.
80. 11. 3.

§ 4. Não consulta Deos em a creação do homẽ a seu amor
sendo afsi, que se alguem podera consultar teu amor, era sò
Deos, porque como este em si seja perfectissimo, nam pode
deixar de querer o que for justo, mas como o votar he hum
acto de entender, pedir votos á vontade he fazer huma injus-
tiça á rezam, & huma violencia á natureza, & Deos nam cos-
tuma fazer violencias, nem sabe fazer injustiças. Viraõ ja co-
mo o amor, que he hum dos aços da vontade; nam he bom
pera conselheiro, pois menos o odio. E a rezam está muy cla-
ra, porque se por isso não he justo o voto da afeição, porque
dará o premio a quẽ muitas vezes merece o castigo, por isso
será tambem injusto o voto do odio, porque dará o castigo
aquelem merecer o premio, & com esta particularidade ainda,
que mais effcaz he o odio pera fazer mal, q̃ o amor pera fa-
zer bem, mais facilr õte se inclina a vontade a fazer mal a quẽ
aborrece, do que a fazer bê a quẽ ama. Do Inferno donde es-
rava orico avarento atrométado vio Lazaro em o Ccyo de
Abraham favorecido, a Lazaro, aquelle a quẽ tanto aborrece-
ra no mundo, & tão q̃ o vio pedio logo effcazmente a Abra-
ham q̃ o mandasse ao inferno alivialo daquelle incendio em
q̃ se abrazava: *Pater Abram mitte Lazarum, ut intingat ex-*
tremum digiti sui in aquam, ut refrigeret linguam meam, quia
tractator in hac flamma. Repara muito S. Pedro Christologo,

Inc. cap.
16.

Pet. Chri-
stolog. sol. serm.

em q̄ o avarento nam pedisse a Abraham, que o levasse a donde estava Lazaro nam que mandasse a Lazaro que descesse a donde elle estava: *non se ad Lazarum (dis Chritologo) duci postulat, sed ad se Lazarum vult deduct.* Sendo assi, que alem de ser taõ difficultoso o dezer hũ bemaventurado ao lugar do tormento, como subir hũ condemnado ao lugar do descanso, melhor era pera o Avarento subir donde estava Lazaro, que o dezer Lazaro a donde elle estava: Pois se isto assi he, se o Avarento via que era igual a difficultade, & mayor a conveniencia de elle subir, que de Lazaro dezer, porque nam pede a Abraham, que o leve ao Paraizo, senaõ que mande a Lazaro ao inferno? *mitte Lazarum.* A soluçaõ, que a esta difficultade deu o grande Arcebispo de Ravena, he que fez o avarento nesta forma a petiçam, porque como aborrecia muito a Lazaro, mais o atromentava o ver a Lazaro em glorias, que o ver se assi em penas, menos sentia os incendios em que se via abrasar, do que as felicidades que via a Lazaro possuir: *Ideo, quod agit dives non est novelli doloris, sed livoris antiqui, & zelo magis incenditur quam gehemno.* Esta he a soluçaõ de Chritologo, mas com licença de taõ grande Padre, venerando esta rezaõ por sua, darei eu agora a minha com algũa novidade, se me nam engana a imaginaçaõ. Pedio o avarento a Abraham mais, que mandasse Lazaro ao inferno aonde elle padecia, do q̄ o levasse a elle ao Paraizo a donde Lazaro estava, porq̄ como quer que em tirar a Lazaro do Cco, fazia o avarento mal a Lazaro, & em se sair do inferno se fazia bem assi, escolheo antes o avarento fazer mal a Lazaro a quem aborrecia, do q̄ faze se bem assi proprio, a quem amava, & por nam ver a Lazaro ditozo entre glorias, deixase viver atormentado entre penas. De crer he que menor fosse o odio, que o avarento tinha a Lazaro, do que era o amor com que se amava assi, com tudo pode mais com elle o odio de Lazaro pera tratar de seu mal, do que pode o amor proprio pera tratar de seu bem: Tal he a inclinaçam da vontade humana, mas que injusta, & que escandalosa!

Chritologo
supra cit.
cas.

6. E supposta esta injusta inclinação da nossa vontade, agora ache eu a solução a hũa palavra de S. João, q̄ foraõ todo o arrezoadõ do conselho, que se fez hontem: *Quid facimus* Ioann. 6. 11 *quia hic homo multa signa facit?* Diceraõ em a junta que fizeraõ sobre Christo, os Pontifices, & Phariseos de Ierusalem, que fazemos que não matamos este homem? E porque? Porq̄ faz muitos sinais: boa rezam, querem dar a morte a Christo, porque faz sinais, affinalaivos vòs entre os outros, q̄ logo tratarã de vos tirar do mundo; mas vamos à difficuldade. Que sinais terã estes, porque querem dar a morte a Christo? Eu o direi: dà vida a mortos, saude a enfermos, vista a cegos, & finalmente he o remedio universal, & o Medico soberano de toda Iudea. Pois gente ingrata, condiçam injusta, porq̄ Christo vos remedeia, porque Christo vos cura, o quereis matar? Antes parece, que porque elle fazia estes sinais, haviẽs vòs de fazer conselhos pera o modo com q̄ lhe poderieis conservar a vida. Mas facil està a resposta: aborreciaõ os Iudeos muito a Christo, & como o aborreciaõ muito, pode mais com elles o odio que lhe tinhãõ para tratar de seu mal, do que pode o amor proprio peratratar de seu bem. He verdade (diziãõ elles) que este homem nos remedeia, mas cõ tudo ha de morrer; antes nõs não quereamos remedio, que velo a elle cõ vida. E se a vontade se inclina mais facilmente a fazer mal a quem aborrece, que a fazer bem a quem ama, como vimos nos Iudeos pera com Christo, & no avarento pera com Lazaro, & não he bom o amor pera conselheiro, claro fica que menos o ferã o odio: não pòdem logo ser justos os intentos, nem acertadas as resoluçoens, adonde a vontade entra a votar apaixonada, ou amando, ou aborrecendo, porque quem votar com a afficção, darã muitas vezes o premio a quem merece o castigo, & quem votar com o odio, darã o castigo a quem està merecendo o premio, porque nem o amor sabe ver delitos nem o odio merecimentos. Em a Corte de Athalarico disse o politico Cassiodoro, que se julgava conforme aos merecimentos de cada hũ, Cassiodor. var. Ep. porque em seus conselhos não votavãõ nẽ o odio, nem a affecção. 77.

ção: *Electio uestra de meritis venit, non enim quidquam aut amore, aut odio, aut pellecti aliqua gratificatione decernimus.* De sorte, que davaõ a cada hum o que merecia, porque nem o odio nem a affeição julgava. Bem se infere logo, q̃ nam pôdem ser justas as resoluçoens adonde a vontade entra a votar apaixonada ou amando, ou aborrecendo. Mas que grande felicidade he de hũ Reyno, que grande ventura de hũa Monarchia ter em seus conselhos quem vote conforme aquillo que a rezam lhe dita, & nam conforme aquillo que a vontade lhe pede! Que justas que seraõ as resoluçoens, as ordens que acertadas, & o Reyno como se conservará seguro! Em os conselhos serem bem ordenados, està cifrado todo o bem, & toda a conservaçam de hum Reyno, porque como os conselhos sam os polos sobre que se fundaõ as Monarchias, & a rezam he a basi, sobre que assentão os conselhos, tanto que se desconcertar a harmonia, tanto que se perverter a ordem da natureza, tanto que o entendimento se fogeitar ao que q̃her a vontade, & nam a vontade ao que decreta o entendimento, logo os conselhos nam pôdem ser bem ordenados, nem as Monarchias estat seguras. Senão digãome a mim, qual foi a causa porque se acabou tam depressa o Imperio de Nabucco, aquelle Reyno tam dilatado no poder, & na arrogancia, que se prometia dominar o mundo facilmente? nenhũa outra cousa mais que votos da vontade, assi o diz a Scriptura:

Daniel. 5. Quos volebat, interficiebat, quos volebat, percutiebat, quos volebat exaltabat, quos volebat humiliabat. E hũ Reyno adonde votava a vōtade, hũa Monarchia adonde governava o querer, era impossivel que se podesse conservar: õ quantos padecrião innocentes! õ quantos se premiarião culpado! mal podia logo estar segura a conservaçam de hũ Imperio, adonde era tam tyrânico o governo. Tam importantes como isto saõ nos conselhos os votos do entendimento, & tam prejudiciaes os da vōtade, que naquelles tem as Monarchias a sua conservaçam, & nestes a sua ruina. Se Christo tomara aquelle conselho, que hũa hora lhe deu S. Pedro affeiçãoõ, quando se vio

Math. 17.

entre

entre as glorias do Thabor favorecido: *Domine bonum est nos hic esse;* voto nacido da vontade, & nam do entendimento: *ne scirens quid diceret,* que se seguia d'ahi? que? não menos q' ficar o mudo sem redempçam, & Christo: é Reyno: não importa menos que hum Reyno, o nam seguir hum voto apaixonado.

§ 6. Advirtaõ logo os Principes, & os Monarchas do mudo, que se quizerem ver seguras suas Monarchias, que nam admittaõ em seus conselhos aquelles, cujas resoluçoens podem nascer da vontade, & não do entendimento: mas quem seraõ estes, (agora direi os que nam he justo que se admiram, & depois os que he acertado que se escolhaõ;) quem sam estes que os Principes nam haõ de admittir em seus conselhos? Eu o direi em duas palavras: nem os muito validos, nem os pouco ficis, porque huns, & outros haõ de votar com a vontade, os validos com a affeição, & os traydores com o odio. Lã se aconselhou hũ hora Christo sobre o medo com q' havia de sustentar aquella turba, que o seguia no deserto, & nam se aconselhou porque necessitasse de conselho, que elle sabia mui bem o que havia de fazer. *Ipsè enim sciebat quid esset facturus,* senam para ensinar aos Principes do mundo com seu exemplo: & a quem Christo pediu o conselho, foi a S. Phelippe: *Dixit ad Philippum; unde ememus panes ut manducemus?* Mas parece na verdade, que se Christo queria ensinar aos Principes a tomar conselhos, que o havia de pedir, ou a ludas, ou a loãõ: a loãõ porque era o mais entendido, & a ludas, porque naquella materia era o mais experimentado, & os conselhos a quem se haõ de pedir senam, ou aos experimentados, ou aos entendidos? Digo, que ludas he o que tinha mais experiencia nesta materia, porque como elle trazia a bolsa, & a materia era de compra *unde ememus?* parece que a elle se devia a consulta: pois se assi o está ditando a rezam, porque o nam fez Christo assi? porque nam pede o conselho, nem a ludas, nẽ a loãõ, senam a Phelippe? O porque foi a S. Phelippe veremos depois, & o porque nam foi a ludas, nem a loãõ veremos agora. Sabem porque? porq' loãõ

Ioann. 9.

João era valido, & Judas era traydor, & como Christo se aconselhava, não porque necessitasse de conselho, senão pera ensinar aos Principes do mundo, nam quiz fazer seus conselheiros, nem ao traydor, nem ao valido, pera que os Principes nam admittão em seus conselhos, nem aos validos, nem aos traydores, porque de nũs, & outros são arriscados os votos, & loipeitosas as resoluções: do valido, porq̃ como vota com a affectação que tem ao Principe, aconselharlheha o que está melhor pera o gosto, mas peor pera a conveniencia, (porque não houve valido no mundo que nam tratasse de falar muito á vontade do Rey,) & o traydor como vota com odio que tem ao Principe, tratará de o destruir com o seu conselho. Estes são principalmente os que os Principes nam haõ de admittir em seus conselhos, quais seião os que pera elles haõ de escolher, veremos logo no outro discurso, & como nos cõselhos se proceder desta maneira, como nam houver conselheiros que votem apaixonados, como votar o entendimento sogejitando affi a vontade, & nam votar a vontade levando apos si o entendimento, logo serão acertadas as ordens, logo serão justas as resoluções, logo se nam farão injustiças, que por isso foi tyrânica a resolução que se tomou hontem em o conselho, que os Iudeos fizeram contra Christo, porque votarão nelle as vontades, & por isso nam foi injusta a resolução q̃ se hoje tomou, sobre a morte de Lazaro porque votarão os entendimentos: *Cogitaverunt autem.*

§ 7. *Principes Sacerdotum*: pareciam a mi, & affi era bẽ que fosse, que pera este conselho que se fazia sobre Lazaro, se juntassem os mais sabios, & os mais entendidos de Jerusalẽ, porem nam foi affi, os que se juntarãõ forãõ os mais poderosos: *Principes Sacerdotum*: mas juntarãõ se estes, porque estes eraõ os conselheiros de Iudea: & porque eraõ estes os conselheiros? Eu o direi: porque? porq̃ eraõ os poderosos, já entam parece que se praticava esta rezaõ de estado, que agora se usa tanto no mundo, darem os cargos a quem tinha os titulos: *Principes Sacerdotum*, & nam a quem tinha as experiencias, fazeremse

temse conselheiros os poderosos, & nam os experimentados, como se o votar tivera alguma conveniencia com o poder, mas esta he a condicão injusta das Cortes do mundo, darem aos grandes da fortuna, & nam aos grandes do merecimento. Que bem estava nesta verdade Ioseph o Vice Rey do Egypto: Mandou elle dizer a seu pay Iacob, que se viesse de Palestina pera o Egypto, porque já o Rey lhe tinha dado licença, mas fez-lhe esta advertencia notavel: *Nec dimittatis quidquam de suppellectilibus vestris, quia omnes opes Egypti vestra erunt:* adverti que tragais de là tudo quanto tendes, porque logo cá no Egypto tereis tudo não parece boa a rezam, trazei tudo, porque cá tereis tudo: nam tragais nada (parece que havia de dizer) não tragais nada, porque cá tereis tudo: mas falou discretamente Ioseph: porque como Iacob vinha entam pera a Corte, nam teria nella nada, ainda que por ser pay o merecesse, se de là não trouxesse muito: era necessario vir rico, & vir poderoso de Palestina, pera lhe serem os olhos no Egypto, porq̃ nas Cortes do mundo ordinariamente se não poem os olhos senam nos poderosos, & nos ricos, nam se dá a quem merece, senam a quem tem, & a quem pôde: *Principes sacerdotum.* Que isto se praticasse nas rendas, nos cargos, & nos postos, de que não depende a conservaçam das Monarchias, bem se podia sofrer, mas que tẽ nestes senam hajaõ de pôr os experimentados, senam os ricos, & os poderosos? que hajaõ de fazer conselheiros aos grandes, porque tem os titulos, & nam aos pequenos, que tem as experiencias? Grando sem rezam do mundo. Não he isto o que Christo nos ensinou (depois prometi que havia de dar a rezam, porque se aconselhou Christo com S. Phelippe, & agora me desempenho.) Já vimos que naquella occasiam, em que Christo pediu o conselho, nam consultara a Iudas, por que era traydor, nem a Ioaõ, porq̃ era valido; mas ainda nos ficou outro discipulo em que reparar: porque nam consultou Christo a S. Pedro, quem tinha feito Principe da Igreja, & era o maior do Collegio Apostolico, senam a Phelippe? *Dixit ad Philippum.* De consultar a S. Phelippe, deu a rezam o

Gen. 45.

Tolet. hic.

Cardeal

Cardeal Toledo, de nam consultar a darei eu: *Aliam possumus excogitare causam* (diz o Padre) *nempe Phelippum fuisse in his que ad usum comparandum pertinebant peritorem, & intelligentiorem*, foi S. Phelippe o consultado, porque nesta materia era o mais intelligente, & como Christo queria ensinar ao mundo com aquelle conselho que pedia (que nos deu em hũa só occasiã muitos exemplos,) nam se aconselhou com Pedro que era o Principe da Igreja, & o maior do Apostolado, senão com Phelippe, que ainda que nam era Principe, ainda q̄ nam era Grande, antes em o Collegio Apostolico o mais humilde, era em aquella materia o mais experimentado, & pera os conselhos nam se haõ de escolher os que tem as dignidades, nem os que tem os titulos, porque saõ grandes, como era Pedro, se nam os que tem as experiencias, ainda que sejaõ pequenos, como era Phelippe, nam ha de votar quem pode, ha de votar quem sabe, que nam he o mesmo ser bem afortunado, que ser bem entendido, mas governase o mundo por leys mui encontradas a estas; Christo pera nos ensinar deu o cargo de conselheiro ao experimentado, o mundo daõ ao poderoso: pera ter os postos no mundo, nam basta o merecer muito, he necessario ter muito, pera ter os cargos no Ceo, nam importa o nã o ter nada, basta o merecer muito: *Ecce nos reliquimus omnia, & sequuti sumus te; quid ergo erit nobis?* Disse lá S. Pedro a Christo: Senhor, nõs temos deixado tudo por vosso amor, q̄ premio nos haveis de dar agora? Vejã o que lhe respondeo Christo: *Sedebitis, & vos super sedes duodecim judicantes duodecim tribus Israel*. Heivos de fazer luizes dos doze tribus de Itrael. Pera terem os cargos bastoulheãõs Apostolos o merecerem muito, nam lhe fez mal o nam terem nada: *Ecce nos reliquimus omnia*. Nam sei eu se teriaõ elles tam bom despacho, se meteraõ este memorial nas Cortes do mundo, adonde sò a maior grandeza he o merecimento maior. *Principes Sacerdotum*. O que grande motivo me dava esta materia pera discorrer largamente! mas pera irmos a outra nova, quero acabar este discurso, com a soluçãõ de humas palavras, que confir-

conformado muito a que hamos dizendo: Falava Christo hũa
 hora com seus discipulos, & disse desta maneira: *Pater non ju-* *Ioan. cap.*
dicat quemquam sed omne iudicium dedit filio: Meu Eterno *9 v. 22.*
 Padre a ninguém julga, porque o officio de julgar, & de re-
 solvetas cousas a mim o deus; mas que rezão haverá pera isto?
 porque julga mais o Filho q̄ o Pay? nam tem ambos o mes-
 mo entendimento, a vontade nam he em ambos a mesma?
 Si he, mas sam as formalidades muy differentes, porque a for-
 malidade do Pay he ser poderoso; a formalidade do Filho he
 ser sabio, & pera julgar, na politica bem ordenada, haõse de
 escolher os sabios, nam se haõ de escolher os poderosos; jul-
 guem, & votem os que sabem, nam votem nem julguem os
 que podem: Isto he o que se uza naquella Republica celest-
 te a quem as Monarchias do mundo a viaõ de ter por exem-
 plar em suas acçoens, isto he o que nos ensinou Christo por
 tantas vezes, mas nam sei se foy no mundo esta doutrina bem
 recebida, porque a nam vejo muy praticada: Os grandes, os
 poderosos saõ os que tem os cargos, por isto os Principes dos
 Sacerdotes eraõ os conselheiros, porque eram os poderosos:
Cogitaverunt autem Principes Sacerdotum.

*Ita cõmu-
 nis Theolo-
 gorũ schola*

§ 8. *Vt, & Lazarum interficerent.* O q̄ se tratou neste cõ-
 selho foy o dar a morte a Lazaro: mas porque delitos? (bem
 me lembra que dei ja hũa rezam, mas tambem me lembra q̄
 prometi outra,) porque delitos querião os Principes de Jeru-
 salem tirar a Lazaro a vida? se elle jazia descansado no se-
 pulchro, & Christo compadecido das lagrimas das irmãs o
 quis tornar a trazer ao mundo, que culpa era em Lazaro, o vi-
 ver? nenhũa: pois porq̄ o intentão matar? deus a rezão Mal-
 donado: *Itaque tota res, est invidia, invidebant enim non solum* *Maldon.*
dulteri beneficij, sed etiam eis qui beneficium acceperant. *hic.*
 Em resoluçam (diz Maldonado) todos estes intentos nascem
 de inveja, nam tãõ invejavão a Christo, porque dera a vida
 a Lazaro, mas tambem invejavão a Lazaro, porque recebera a
 vida de Christo, inveja o mundo nam sãõ a quem fas o favor,
 senam tambẽ a quem o recebe: Nam estava mal fundada esta
 rezam

Luc. cap.

7.

rezam, senam padecera esta instancia, Difficilto assi. Christo nam deu tambem a vida a ao filho da viuva de Naim? Si deu, pois se o mundo tem inveja a quem recebe o favor, porq̄ não envejarão os Judeos a este tambem resuscitado por Christo, & favorecido dellê? Sò a Lazaro tem inveja, qual será o fundamento? Eu o direi, não envejarão tanto o favor que Christo fez ao filho da viuva de Naim, porque o nam conheciam por favorecido de Christo, & envejarão muito o favor q̄ fez a Lazaro (sendo ambos, da mesma igualdade,) porque o conhecido por muito valido teu. *Lazarus amicus noster*: Aquelle favor era feito a hũ estranho, este favor era feito a hũ valido, & nam sei que tem os favores que se fazẽ aos validos q̄ sempre forão muy envejados: Fez Christo a S. Pedro Principe da Igreja, & livrou a S. Ioaõ da morte violenta no apiniao dos mais Apostolos que assi entenderão elles, aquelle *sic eum volo manere*. Nam reparam os discipulos na quelle favor concedido a Pedro, & reparão muyto neste favor feito a Ioaõ: *Exi q̄ forme inter fratres quia discipulus ille non moritur*. Começa- raõ a falar, & a perguntar entre si, porque não avia de morrer

IOAN. II.

Math. 16.

IOAN. 21.

IOAN. 21.

Luc. 22.

IOAN. 21.

Ioaõ. Nam quero chamar a isto propriamente inveja (como alguẽm ja lhe chamou) senam reparo, posto que como os discipulos nam estavaõ ainda entam confirmados em graça, nam era inconveniente algum darlhe este nome, que tambem o Evangelho dis d'elles, que tiveram entre si hũa grande contenda, sobre qual d'elles era mayor. *Facta est autẽ contentio inter eos quis eorum videretur esse maior*: indo a difficuldade. Pergunto assi: Nam era mayor o favor que Christo fez a S. Pedro dandohe a primacia da Igreja, do que era o que fazia a S. Ioaõ livrando da morte violenta, dado que assi se ffe, & que assi o quizesse dizer Christo naquelle, *sic eum volo manere*? nam ha inveja: Pois porque nam reparão os Apostolos, porque os nam inquieta aquelle favor feito a Pedro na realidade, & reparão tanto naquelle que fez ao Evangelista sò na sua imaginaçãõ? Querem ouvir com novidade porq̄? Porq̄ o favor q̄ Christo concedeo a Pedro era favor feito a hum Apostolo, &

o favor

o favor que concedeo a Ioaõ era favor feito a hũ valido. *Discipulus ille quem diligebat Iesus*, E os favores dos validos sempre inquietarão, & sempre se envelerão muito, ainda que na realidade fossem iguais, ou fossem menores, que os q̃o Principe faz aos outros: Bem se vio em os Iudeos pera com o filho da viuva de Naim, & pera cõ Lazaro, pois sendo iguais os favores, (q̃ a ambos deu Christo a vida,) só o de Lazaro foy envejado, porq̃ sò Lazaro era o valido, *Lazarus amicus noster*: Bem se vio em os Apostolos pera com Ioaõ, & pera com Pedro pois sendo mayor o favor q̃ Christo fez a S. Ioaõ, (se assi fora como elles o imaginavão,) livrando da morte por violencia, do que foi o que fez a Pedro dandolhe da Igreja, a primacia, sò no favor do Evangelista repararã, porque entre todos os discipulos o Evangelista era o mais valido, & o mais amado. *Discipulus ille quem diligebat Iesus*.

§ 9. De sorte que tẽ os discipulos de Christo, com andarẽ ao lado repararã em o favor feito a S. Ioaõ, nam reparando em o favor concedido a S. Pedro, porq̃ S. Pedro era Apostolo como os outros, & S. Ioaõ era mais que os outros validos; Mas os Iudeos passarã muito avante, pera com Lazaro, porque nam sò repararã em Christo lhe dar a vida, mas tambem trataçã de lhe dar a morte, porque lhe tinhã enveja: *Cogitaverunt autem Principes Sacerdotum ut, & Lazarum interficerent, invadebant enim non solum auctori beneficij, sed etiam eis qui beneficium acceperant*: Viose Lazaro artileado, logo que se vio favorecido: Hora eu quando posso, & quando a rezam o pede, trato sempre de apontar o fundamento da soluçã que deã a duvida que propus: Dice que os favores dos validos ainda que fossem iguais, ou menores que aquelles, que os Principes costumã fazer aos outros, que eraõ sempre envelados, agora pergunto de novo a cauza distos? Qual serã a cauza, porque os favores que os Principes fazem aos validos sãõ sempre envelados, se sãõ muitas vezes iguais, ou sam menores, que aquelles que faz aos outros & poderã ser q̃ aquelles mesmos que os envelerã? Se o favor que o Principe faz ao

seu valido he igual, & poderá ser que muytas vezes menor que aquelle que me fas a mi, porque lhe ei eu de ter enveja? A rezam eu a darci, & he esta se me nam engano; porque o favor que o Principe me fas a mi, sempre em si he mais do que me parece, & o favor que fas ao valido, sempre me parece mais do que he: Eu explico mais, façame o Principe hũ favor que na realidade seja tudo, a mi hame de parecer nada: Faça ao valido hum favor que na substancia seja nada a mi ha me de parecer tudo, entam por isso o envejo: E isto porque? (ainda nam fechamos o perlamento) porque se diminuem tanto em os meus olhos os favores que me fazem a mi. E crecem tanto os que ao valido se fazem? o porque eu o direi: porque as cousas diminuem se muito em os olhos da affeição, quando sam em favor do que se ama, & avultam muito nos olhos do odio quando sam em favor do que se a borrece, & como eu me amo muito a mi, ainda que o Principe no favor, & na merec que faz na realidade me dê tudo, a mi hame de parecer nada, & como os validos se aborrecem muito no mundo, que assi o dice discretamente Seneca, ainda que o favor em si seja nada a mi ha me de parecer tudo: Daqui nasce logo o serem tam envejados os favores dos validos. Que as cousas avultem muito nos olhos do odio quando sam em favor do que se aborrece, mostro agora (porque se nam diga que he esta rezam livremente dada) entao depois mostrarei o como se diminuem em os olhos da affeçam, quando sam em favor do que se ama: E pera o mostrar com evidencia, nam quero mais que duas palavras do mesmo capitulo de que a Igreja tirou este Evangelho. Depois que Christo resuscitou a Lazaro algũs Judeos que se acharão presentes a esta maravilha começaram a segui-lo, & a confessar publicamente, que elle era o Messias avia tantos seculos esperado, & por tam repetidos oraculos prometido: Assi o diz S. Ioaõ. *Multi propter illum abibant ex Iudais, & credebant in Iesum*, vendo isto os grandes de Jerusaleem romperaõ nestas palavras notaveis: *Ecoe totius mundus post eum abiit*: Porque não mata-

Senec de
brevit ult.
cap. 18.

Ioan. 12.

Ioan. 12.

mos este homẽ, que já todo mundo se vai tras d'elle, notem que nam dicerão que todo mundo seguiria a Christo de futuro, senam que ja o seguia de prezente *post eum abijt*, pera nos dar mayor a rezaõ de duvidar. Pois se atẽ entãõ nam tinhaõ seguido a Christo mais que aquelles Iudeos que tinhaõ assistido a resurreiçam de Lazaro, & algũs que o viraõ resuscitado, como dizem os grandes de Ierusalem que seguia a Christo ja o mundo todo? Quatro Iudeos sam todo o mundo? Hora eu darei a tezam de quatro Iudeos que seguiaõ a Christo, parecerem o mundo todo aos Iudeos, & he esta. como os Iudeos aborreçiãõ muito a Christo, & o seguirem no era hũa açãõ em muyto favor de Christo, aquelles poucos que o seguiaõ em os olhos de odio dos Iudeos avultavãõ o mundo todo: *Ecce totus mundus post eum abijt*. Parecia em os olhos de feu odio huma quantidade grande, aquelle numero limitado, & aquelle concursõ breve, porque avultam muito as couzas nos olhos do odio quando sam em favor do que se aborrece, assi como se diminuem muito nos olhos da affeiçam quando sãõ em favor do q se ama. Fes Deos a Abram aquelle favor tam singular, qual foi o de fazerte feu protector, & tomar á sua conta o cuidado de feu remedio, & de sua conservaçãõ: *Ego protector tuus sum, & merces tua magna nimis*. Com tudo sendo este favor tam singular, sendo esta merce tam grandiosa, nam se deu Abram por satisfeito com ella, & replicando dis a Deos desta maneira. *Domine Deus quid dabis mihi?* E bem Senhor, que premio me avais vos de dar pellos serviços q vos tenho feito? Notavel pergunta por certo! Tãõ pouco he hũa protecçãõ de Deos, & hũ premio livrado em feu mesmo ser, que ainda acha Abraham que tem que pedir mais, depois de Deos lho prometer tanto? Ainda pede, ainda deseja mais Abraham depois de hum premio tam grande, depois de hũa satisfaçãõ tão grandiosa. *Domine Deus quid dabis mihi?* Que tem Deos q dar fora de si e nũa couza: Pois se Deos dandose a si a Abraham por protector lhe nam ficava mais que dar: porque lhe pede ainda Abraham mais a

Genes. 15

Deos, depois de Deos ter dado tudo a Abraham? Porque como Abraham te amava muito a si, diminuia-se tanto em os olhos da afeição propria aquelle favor de Deos tam singular, que dandolhe, nelle tudo, pareciahe a Abraham que lhe nam dava nada, que assi como aos olhos do odio se representa tudo aquillo que he nada, assi tambem aos olhos da afeição se representa nada aquillo que he tudo, por isso Abraham depois de Deos lhe dar tudo em a tua protecção como se lhe nam dera nada por premio, lhe pediu de novo favores. *Domine Deus quid dabis mihi?* Esta he a condição dos olhos humanos que crecem nelles, & te diminuem as coulas conforme os affectos interiores, se te aborrece, o nada parece tudo: se te ama, o tudo parece nada: *Lachrimis capis rigare pedes ejus:* dice S. Lucas da Magdalena que com as lagrimas de seus olhos começara a lavar os pés a Christo. Nam dicera milhor que lhos lavara se na realidade assi foy, senam sò que começara a lavalos? *Cepit.* Hora ami me parece q̄ falou o Evangelista daquellas lagrimas nam conforme o que eraõ pera os pés de Christo, senam conforme o que pareciaõ aos olhos da Magdalena: pera os pés de Christo, verdade q̄ eraõ diluvios de lagrimas, aque o Evangelista chamava principios de chorar, mas para os olhos da Magdalena, porq̄ amava. *Dilexit multum,* pareciaõ sò principios de chorar, o que na realidade eraõ diluvios de lagrimas: *Cepit rigare:* diminuam-se muitos em os olhos de sua afeição, todas aquellas fin:zas offerecidas a Christo, porq̄ se diminuem muito as mayores finezas em os olhos de hũa afeição. E se aquella he a propriedade do odio, & esta a condição do amor, bem se deixa ver a causa porq̄ os favores que os Principes fazẽ aos outros sempre sam mais do que lhe parecem, & os favores que fazem aos validos sempre lhe parecem mais do q̄ são: E como parecem sempre maiores, por isso são ordinariamente envejados: por isso tambem soffre o mundo tão mal o ver os validos com favores, que logo os inveia porque os aborrece, & trata de os matar, porq̄ os inveia. *Cogitaverunt autẽ Principes Sacerdotũ ut, & Lazarũ interficerent, invidabant enim*

Luc. cap.

7.

Luc cap 7

non solum auctori beneficij sed etiam eis qui beneficium acceperant.

§ 10. E se Lazaro tendo favorecido de Christo se vio com seus favores ariscando, como poderaõ aquelles aquẽ os Principes do mundo tem por validos estar com seus favores leguros? Daqui veio a dizer o outro politico discretamente, que nem hum principe avia de singularizar sua affeicãm, porque alem de fazer hũ amor que ha de ser commũ, poẽ em muito grande risco aquelle que ama com particularidade: *Quo quisque propinquior est regi, eo propinquior est periculo*: E os Principes nam hãõ de arriscar, hãõ de conservar os vassallos. Qual foy a causa que Caim teve pera matar a seu irmão Abel tam injustamente? nenhũa outra senãõ o por Deos os olhos em Abel, não pondo em Caim: *Respexit Deus, ad Caim autem non respexit*? E o mesmo foy ter Abel visto de Deos com algũa particularidade, q̃ tratar logo Caim de lhe tirar a vida. Taõ grosseiro, & tam envejoso he este elemento em que vivemos, que nem aos validos de Deos perdoa: E se isto assi passa em os validos do Ceo, como poderaõ estar leguros, os validos da terra? & nam sò devem os Principes nam particularizar seu amor, & seus favores, pello que devem aos vassallos, senãõ tambẽ pello que se devem a si. Ser Rey he ter officio: & se a quem tẽ cargo nam he licito conhecer nem ainda o parentesco, como poderaõ conhecer valido? *Mulier ecce filius tuus*, dice là aquelle supremo Rey Christo Iesu, a N. Senhora quando lhe quis entregar a S. Ioaõ, molher ahitens o teu filho, nam lhe chamou mãy, senam molher; & porque lhe chamou desta maneira? porque lhe tinhãõ dado o titulo de Rey àquella hora: *Iesus Nazareus Rex Iudaeorum*: o Rey nam ha de conhecer nem ainda o parentesco mais apertado: mal poderaõ logo conhecer valido: esta he pois a obrigaçam mais principal de hũ Principe Soberano fazer seus favores communs nam os particularizar a ninguem: nunca Christo quis no deserto accitar o titulo de Rey, senam na Cruz: porque no deserto fazia favores a algũ; & na Cruz faziaõs a todos, que a todos resgatava a custa de seu sangue, & sò entam quis que lhe chamaõem Rey quando

Guillelm. Berchal. lib. 6. contra Monarch. cap. 4.

Joan 19.

Math. 29.

Joan. 6.

quando o era, & quando o parecia; se assi o fizerem os Principes do mundo cumprirão cabalmente com o que devê a si, & aos vassallos, a si por amor da obrigaçam, & aos vassallos por amor do risco, pois soffrer tam mal o mundo o ver aos validos com favores, que logo os inveja, porque os aborrece, & trata de os destruir porque os inveja; tenam seja bom exemplo Lazaro. *Cogitaverunt autem Principes Sacerdotum ut, & Lazarum interficerent, invidabant enim non solum actori beneficium acceperant.* De invejosos intentarão os grandes de Jerusalém matar a Lazaro, mas nam chegaraõ a conseguir o que intentarão: porque? Ja dei huma rezaõ que segui largamente, agora darei outra tocada com toda a brevidade, de grande alvitre pera Portugal: torno a perguntar assi, se os que trataraõ de dar a Lazaro a morte eram os grandes, erão os poderosos de Jerusalém, porque o nam executão? Porque nam morre Lazaro? Porque foi providencia de Christo que Lazaro nam morresse: resuscitou Christo a Lazaro depois quatro dias de sepultura pois nam ha Lazaro de morrer: averà em Jerusalém conselhos pera o matar, farlehão juntas, buscarlehão traças, mas nam hão de chegar a execuçoens: Resuscitou Christo a Portugal depois de setenta annos de sepultura, ou de cativo q̃ o meismo vem a ser, como tanto prodigios, pois ainda que se ajuntem em conselhos, ainda que se fação em Castella juntas, ainda que se inventem traças pera o destruir, nenhũa se ha de executar, averà intentos, pera execuçoens, mas nam hão de chegar nunca a execuçoens esses intentos, porque he rezam estado muito ordinaria em Deos conservar as obras de sua mão omnipotente, & sustentar aquelles a quem deu vida. Libertou Deos com tantos prodigios como sabem todos os filhos de Israel cativos no Egypto, & libertou: por affitos, com tudo depois porque peccarão no deserto quis castigallos por ingratos: porem Moyses que ainda q̃ era valido de Deos tratava mais dos outros que de si, fineza que só se achou neste valido, & por isso foy amado de Deos, & mais dos homẽs. Porẽ Moyses (digo) tomou a sua conta aplacar os rigores da Divi-
na

na justiça tam justamente offendida, & pera conseguir este effeito dice a Deos estas palavras: *Cur Domine irasaitur fuerit tuis contra populum tuum, quem eduxisti de terra egypti?* Exod. cap. 32.

E bem Senhor vos quereis destruir este povo? nam vcdes que o libertastes do Egypto. Notavel mouo de negociar o perdão por certo! de sorte que poem Moyses diante dos olhos de Deos pera nam destruir os filhos de Israel o beneficio que receberão de suas mãos omnipotentes, antes pera sollicitar o perdão parece que lhe avia de esconder o favor, representalhe a liberdade q̄ lhe deu, pera Deos suspender o castigo com que os ameaça, não parece bó modo de negociar, mas si he mui acertado modo, mui descujçada a resolução de Moyses. Hora notê vio Moyses, q̄ estava Deos resolute a destruir os filhos de Israel, vio tambẽ q̄ era razão de estado em Deos conciliar aquem libertara, por isso pera lhe evitar a ruina com que os ameaça lhe poem Deos diante dos olhos a liberdade que lhe dera. *Populum quem eduxisti*: Pera que os nam destruisse, lembroulhe q̄ os libertara, & allã foy, porque logo se aplacou a ira de Deos, & ficou sem castigo o povo: *Placatusque est Dominus Deus, ne faceret malum, quod locutus fuerat adversus populum suum*, Exod. ibi: & se esta rezam de estado em Deos pode tanto com elle que dem. prevaleceo contra o seu mesmo poder sendo infinito, com o nam prevalecera contra o poder humano que he limitado? Por isso Lazaro não morre, por isso Portugal se conserva, & se ha de conservar a pezar de seus inimigos.

25. 11. Porém he necessario advertir q̄ nos não avemos de confiar indistinctamente nestas seguranças pera vivermos descuidados, antes ontam avetões de andar mais cuidadosos, quando nos considerarmos mais seguros, porque muitas vezes dana mais a presunção de huma segurança, que a ameaça de hũ perigo: Sempre a moderada cautela, ainda que pareça temor foy discretã, & a demasiada confiança ainda que pareça valia foy temeridade: & Deos antes nos quer temerosos, que temerarios: Não nos fientes logo cegamente em estar tam seguros como estamos, pera deixar de viver mais

Genez. is.

37.

Genez. is.

29.

Genez. is.

41.

acautelados do que vivemos, porque nam se pode fiar seguramente, nam se pode fazer confiança certa, nem nas ditas nã nas infelicidades humanas, que nam tem mais firmeza, q̄ em terem varias. Dos braços de seu pay Iacob taio Ioseph pera o cativoiro do Egypto, do cativoiro do Egypto pera a privança de Puthiphar, da privança pera o carcere, & do carcere pera o governo? Quem ajuntara tam contrapostos successos? quem tinha tam encontradas sortes? quem dicera que a tanta ventura avia de succeder tanta desgraça, & que a tanta desgraça avia de succeder tanta ventura? Que tendo Ioseph o mimo de Iacob avia de vir a ser cativo no Egypto que de cativo avia de passar a privado, de privado a prezo, & de prezo a Viforey; sab bens, & males do mundo nem os bẽs duraõ, nem pern a necem os males, succedem hũs a outros; como as loz bras da nouite os resplandores do dia: E se de pessoas particulares passarmos a Reynos enteros acharemos o mesmo: Quantos Principes se aclamarãõ hontem gloriosamente victoriosos, q̄ hoje se lamentarãõ lastimosamente vencidos? E de quantos se chorou hoje o estremo de que amentã se festejara o triumpho? Quantas Monarchias florecerãõ com tanta ventura, que se prometerãõ fazer soar o estrondo de suas armas, & o ecco de suas victorias tẽ donde o Sol estende a grandeza de seus resplandores, & dilatar seu Imperio; de donde nasce tẽ donde morre o dia, quantas ouve destas no mundo, que depois vierãõ a ser exemplo da miseria, & o estremo da desgraça, & quantas se deraõ ja por acabadas, que se levantarãõ felices, & florecerãõ triumphantes? Nam me canço em repetir exemplos de que o mundo todo estã etho, porque estivera a prẽgar eternamente? Pois, se sãõ taõ pouco permanentes, se sãõ como isto taõ pouco firmes as venturas, & as desgraças humanas, nam he indifferençaõ, nam he cegueira grande que se fundar nossas esperanças em aquillo q̄ he mais inconstante que o ventovario, & mais mudavel que a nubes? Quem impedirà negar? E hinda que Deos nos assista? (que he o que se pode responder) ainda que Deos nos assista com (que he o que

que

que se pode responder) ainda que Deos nos afflita com tantos prodigios como cada hoie vemos, ainda que se mostre tanto da nossa parte, ainda que favoreça a nossa causa tanto, nem por isso deixemos de temer, nem por isso deixemos de nos acautelar, nam nos faça descuidados de nossa conservaçam o ver a Deos tão cuidadoro della, porque terá lastima grande, que achemos a nossa ruina nos mesmos meios de nosso temer, nam deixemos tudo a Deos, porque ainda que tem forças infinitas, & braços omnipotentes, regularmente falando, nam costuma obrar sem as causas segundas, & se hoje fez hum milagre pera libertarnos, nem por isso fará outro amenhá, pera defendernos: Grandes prodigios fez Deos pera libertar aos filhos de Israel (tambem povo mimoso seu) do poder de Pharaõ, com tudo quando depois ouverão de morrer no deserto, pera os livrar da morte nam fez prodigios, que nam he o mesmo libertarnos Deos prodigiosamente hoje, que conservarnos amenhá prodigiosamente: a liberdade que nos dá quer que corra por sua conta, mas a conservaçoõ que havemos mister, quer que corra pella sua, & pella nossa: Vivamos pois muito vigilantes, vivamos muito unidos, que logo estaremos seguros, porque a vigilancia, & a uniaõ sãõ os dous Pilos (bre que se funda mais seguramente a felicidade dos Imperios, & a conservaçoõ das monarchias: Nenhũa cousa aruina os Reynos, senão o nam viverem acautelados, nenhũa cousa os destrue, senam nam viverem unidos: o descuido he a sua enfermidade, & a desunioõ he a sua morte: hũ Reyno descuidado, he hũ Reyno desunido, he hũ Reyno morto. Como a uniam, & a divisaõ duas formalidades tam opostas, & dous accidentes tam contrarios, claro està que o que com hum se conserva, que com o outro se acaba? bem poderà conservarõ unida à parte que vivia apartada, mas nam pode viver apartado o tudo que se conserva unido: logo como a uniaõ he a alma das monarchias, como a uniaõ he a vida das Republicas, facil fica de entender que hũ Reyno unido he hum Reyno vivo, & hũ Reyno dividido, he hum Reyno morto,

Luc. 11.

he politica esta nam menos que do Rey dos Reys Christo S. N. *Omne Regnum in se divisum desolabitur*, dice elle hũa hora aos Indeos; se hum Reyno se chegar a dividir he impossivel, que nam se chegue a acabar. He hũa Monarchia hũ todo mistico adonde o Rey he a alma, & os Vassallos o corpo, & assi como a vida, & o ser do todo nam consiste mais que na uniaõ das partes, assi a vida, & ser de hũ Reyno entanto dura, em quanto os vassallos estã unidos ao Rey, & o Rey estã unido aos Vassallos: Vassallos sã Rey he hũ corpo sã alma. Rey sem vassallos he huma alma sem corpo. Unãse pois; Vnaõse pois as partes, que logo se conservará o todo. A uniaõ he a q̃ principalmente conserva as Monarchias, & a divisaõ he a que ordinariamente as acaba, porque a uniaõ dá forças, & a divisam tirã as: Hũ Reyno unido pode rezistir a Imperios: Imperios divididos naõ podem rezistir a hũ Reyno: poucos unidos vencerã já grandes exercitos. Eu nesta materia de uniaõ naõ tenho que reprehender em Portugal; muito q̃ louvar sim, porq̃ no particular de amãte, & unido ao seu Rey. pode dar enveja, & servir de exemplo a todas as Monarchias do mundo: sò lhe quizera advertir pello que vejo commumẽte praticar, q̃ nam he bastãte estar unido ao Rey nas occasioens de descanço, senãam tambẽ nas occasioens do aperto, antes quãdo este for mais urgente, entãam ha de ser a uniaõ mais apertada, porque se a divizaõ acaba hum Reyno na paz, mais facilmente o acabará em guerra. Quero dizer q̃ nam sò se ha de assistir ao Rey, quando estã no paço, ha-se tambẽ de acompanhar ao Rey quando estã em câpo, no paço naõ lhe he necessario ao Principe, que todos os vassallos lhe assistã, mas posto em campo o Monarcha, he divida que todos os vassallos o acompanhẽ, por dous fundamentos muy cõformes a toda a rezaõ de boa politica, porque se o Rey sae a campo por amor de nõs, porque nam avemos nõs de sair a campo por amor do Rey; nam sei com que titulo ficãõ os vassallos na paz, quando o Principe sae a guerra: Esta he a primeira rezaõ, a segunda se ja por q̃ naõ he obrigaçãõ do vassallo assistir ao Rey nas occasioens do des-

do descanso, mais he divida do vassallo assistir ao Rey nas occasiões da afflicção, quando o Principe se diverte, quando o Principe descansa não he necessario, antes he impossivel q̃ todos os vassallos com elle descansem, mas quando padece he necessario, antes he obrigação, que todos os vassallos com elle padeçam: Aos ultimos rigores com que Christo ameaçou o mundo disse elle, que avião de preceder grandes sinais, no Sol, na Lua, & nas estrellas: *Erunt signa in Sole, Luna, & stellis*: Bem sei que dizem todos que ha de mandar Christo aos homens tam anticipados finais, porque como foge muito de castigarnos, quer que o aviso nos faça temerosos, & que o temor nos faça arrependidos: mas nam he isto o em que eu queria reparar, que pondero, & o em que reparo muito, he em que sejaõ estes sinais no Sol, na Lua, & nas estrellas! não basta que apparecessem sò no Sol, pera atemorizar o mundo? Si por certo: & o que aperta mais a dificuldade he, nam se vendo as Estrellas juntamente com o Sol, nesta occasião appareça o Sol juntamente, & a estrellas: *Erunt signa in Sole, Luna, & stellis*: Todos sabem que a vida do Sol he a morte das estrellas, o mesmo he apparecer este Planeta luminoso, que desaparecem ainda os Astros mais luzidos, cada dia o vemos, cada dia o experimentamos. Pois se por ordem da natureza pera apparecerem as Estrellas he necessario q̃ se auxere o Sol, porque sò no dia ultimo do mundo, se ha de dispensar com esta lei, porque não de apparecer o Sol, & as estrellas juntamente? será isto por ventura premissam algũa do Sol? nam he premissão do Sol, he obrigação das estrellas: Como o Sol he o Principe dos Astros, como o Sol he o Monarcha de toda essa Republica luzida, nam importa nada (antes he impossivel) q̃ as Estrellas luzaõ, quando elle luz, mas importa muito, (antes he necessario) que ellas padeçam, quando o Sol padece: não estão obrigadas as Estrellas assistir luzidas ao Sol quando luzido, mas estão obrigadas a assistir eclipsadas ao Sol quando eclipsado, Padece eclipses o seu Principe, pois padeçam eclipses os Astros, por isso se verá o Sol no dia do luizo assistido

de Estrellas eclipsadas, porque apparecerá eclipsado, nam se vendo nos outros dias assistido de Estrellas luzidas, porque apparece luzido. Assim pois a politica humana esta politica Celeste, quando o seu Principe deica a, quando o seu Principe se diverte, & finalmente quando busca as occasioens de alivio, (que assi he Rey, que tambem he nome) basta que os vassallos estejam unidos a elle, & que lhe assistam com as vontades, mas quando he necessario fazer a campanha, quando he necessario padecer na guerra he tambem necessario unirem se, & assistirem com as vontades, & com as pessoas nam estam obrigados, a deicaçar quando elle deicaça, mas estam obrigados a padecer quando elle padee. Ia eu disse que o Rey era a alma de hum Reyno, & que os vassallos eram o corpo: Supposto isto quem nam sabe, que bem pode gozar alivios a alma, sem que delles participe o corpo, mas que nam pôde deixar de padecer penas o corpo hũa vez que as padee a alma: Se assi o fizarem sempre os Portuguezes como fazem, & eu confio que haam de fazer sempre: se andarem muito vigilantes em suas obrigações, & viverem muito unidos ao seu Reyno eõ as vontades, & com as pessoas com as vontades na paz, com as pessoas, & com as vontades na guerra; alcançaram grandes venturas, & o Reyno se conservara por muitos seculos, felices no desempenho de nossas esperanças, felices nos successos de nossas armas, na restauraçam de nossas conquistas, & na conservaçaõ de nossa felicidade, que assi o estam prometendo as Prophecias, assi o estam confirmando, estes venturosos principios, & finalmente felices na reformaçam dos costumes, no aumento da fé Catholica, no zelo do nome Christam por meio da Graça, que he certo penhor da Gloria. *Adquam nos perducit Dominus omnipotens, Pater, Filius, & Spiritus Sanctus Amen!*

FINIS LAUS DEO.



